

O IMPACTO DOS FATORES INTRA E EXTRAESCOLARES PARA O FRACASSO ESCOLAR: DESMISTIFICANDO AS VISÕES PSICOLOGIZANTES

Alicia Daniele Calaça Cavalcante¹

Carolina Alves Rosa de Araújo²

Josberto Teixeira de Almeida Neto³

Luiz Carlos de Oliveira Ferreira⁴

Sandra Patrícia Peixoto⁵

Psicologia



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Existem muitas discussões sobre fatores relacionados ao fracasso escolar, inúmeras vezes relaciona-se aspectos sociais, erroneamente, como elementos determinantes do processo de aprendizagem. O presente artigo objetiva elencar os fatores extraescolares e intraescolares que interferem diretamente no fracasso escolar, bem como analisar historicamente a perpetuação desses fatores relevantes que associam a esta ideia como algo que impossibilita a capacidade do indivíduo de aprender, contribuindo para o sofrimento psicossocial do sujeito. O processo escolar é algo que não pode ser engessado, nesse cenário de diversidades, a instituição pode e deve criar situações que promovam mudanças. A Psicologia surge então, não para estruturar e construir novos conceitos sobre o fracasso escolar, mas com desafio de intervir nesta situação, sendo ela um dos instrumentos que apresenta novas possibilidades de atuação, a fim de reverter esse quadro e favorecer essa reestruturação. Para se obter as informações, foi realizada uma revisão bibliográfica em diversas plataformas como, Scielo, Pepsic, dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), teses de mestrado, também na biblioteca do campus do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), com intuito da disseminação de conhecimentos, para que se retire a concepção de fracasso escolar como problema individual, bem como a importância de intervenções preventivas.

PALAVRAS-CHAVE

Fracasso Escolar. Fatores Extraescolares. Fatores Intraescolares.

ABSTRACT

There are many discussions about factors related to school failure, many times erroneously relate social aspects as determinants of the learning process. The present article aims to list the extracurricular and intraschool factors that directly interfere in school failure, as well as historically analyze the perpetuation of these relevant factors that associate school failure as something that makes it impossible for the individual to learn, contributing to the psychosocial suffering of the subject. The school process is something that can not be plastered, in this scenario of diversities, the institution can and should create situations that promote change. Psychology emerges, not to structure and construct new concepts about school failure, but with the challenge of intervening in this situation, being one of the instruments that presents new possibilities of action, in order to reverse this situation and favor this restructuring. In order to obtain the information, a bibliographic review was carried out on several platforms, such as Scielo, Pepsic, INEP data, master theses, as well as the campus library of Centro Universitário Tiradentes - UNIT, with the purpose of disseminating knowledge, to withdraw the concept of school failure as an individual problem, as well as the importance of preventive interventions.

KEYWORDS

School Failure; Extracurricular Factors; Intraschool Factors

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva elencar os fatores extraescolares e intraescolares que interferem diretamente no fracasso escolar, bem como analisar historicamente a perpetuação desses fatores e pontuar como a psicologia se porta diante desses desafios, abordando as presentes intervenções dos psicólogos dentro da problemática proposta.

O fracasso escolar não é um tema novo, as áreas da psicologia, pedagogia e psicopedagogia já o discutem há bastante tempo. É impossível pensar na temática e não pensar no por que e nem nas causas para ela se perpetuar. Algumas perguntas podem vir à tona: Há algum fator interno na criança que a leve ao fracasso escolar? Qual a parcela de culpa da instituição? A metodologia do professor está inadequada? A condição socioeconômica do aluno pode influir? Os pais podem dificultar o sucesso escolar da criança? De quem vem à queixa escolar? Os motivos para o insucesso escolar mudaram ao longo da história? Como o psicólogo escolar pode intervir no fracasso escolar?

Collares (1996) agrupa os fatores que levam ao fracasso em: extraescolares e intraescolares. Os extraescolares fazem alusão ao cenário fora do contexto escolar que o aluno está inserido, ou seja, faz referência ao cenário socioeconômico que é responsável por fome, moradias precárias, falta de saneamento básico, dificuldade de

acesso à escola e tudo que o discente é privado de ter por pertencer à classe oprimida. Os fatores intraescolares dizem respeito aos programas, à metodologia do professor e como todo o corpo escolar contribui como um todo em fomentar a segregação das crianças menos favorecidas.

De certo muitos ignoram esses fatores e acabam constantemente culpando a criança, um exemplo disso é dizer que ela não está tendo um bom aproveitamento escolar porque tem “problemas de aprendizagem”. Os membros da escola muitas vezes preferem não enxergar os fatos e deslocam a responsabilidade da instituição diante do fracasso escolar. Nesse aspecto Collares (1996) pontua que colocar as causas do mau rendimento na criança é uma maneira inconsciente que a escola e o sistema educacional têm de ocultar suas falhas.

É digno de nota que, ao longo da história, o governo implantou medidas que melhoraram o acesso das pessoas à educação, embora nada tem sido feito para minimizar o problema que é o fracasso escolar e suas implicações. Bossa (2008) ressalta que a criança se vê aprisionada em um sistema de sedução e punição. Além disso, a formação escolar é precária, muitos alunos não acreditam que o conhecimento que recebem pode fazer alguma diferença em sua vida. A falha educacional cria um obstáculo que compromete o desenvolvimento da criança que irá refletir ao longo de sua vida, desse modo, deixam de vivenciar acontecimentos cruciais à sua história e cultura. Logo, a maioria dos alunos que terminam a educação básica, não tem uma compreensão de mundo, terminam os estudos sem ao menos entender a realidade política, socioeconômica e histórica que os rodeiam.

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica, buscando explorar os diversos aspectos dessas opiniões e diferentes representações construídas sobre o tema em questão. Nesse caso, o papel do fracasso escolar diante de todas as suas causas e suas consequências para o sofrimento psicossocial do sujeito, exclusão social, bem como retirar os estigmas acerca da psicopatologização do fracasso escolar de forma individual, culpando a vítima. Para obter as informações, foi realizada uma revisão bibliográfica em diversas plataformas como, Scielo, Pepsic, dados do INEP, teses de mestrado, bem como também a biblioteca do campus do Centro Universitário Tiradentes (UNIT). Dessa maneira, foi almejada a disseminação de conhecimentos para que se retire a concepção de fracasso escolar como problema individual, bem como a importância de intervenções preventivas.

2 RAÍZES HISTÓRICAS DO FRACASSO ESCOLAR E A TEORIA DA CARÊNCIA CULTURAL

Serão trazidas, ao longo deste trabalho, questões que estão relacionadas ao fenômeno educativo conhecido como fracasso escolar, que é uma das temáticas mais recorrentes entre as discussões no meio educacional, por ser um problema que há décadas se faz presente nas escolas. Por isso, não deixa de ser um fenômeno antigo, sem deixar de ser atual.

A história da Educação brasileira é marcada pela recorrência de evasões, repetências e uma série de outros fatores negativos que são geralmente classificados como

fracasso escolar (SILVA et al., 2003). O fracasso escolar apresenta-se, desta forma, como uma realidade indissociável da história da Educação e do processo de escolarização das classes populares no Brasil. Só para ter uma ideia, dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (BRASIL, 2000) apontam que até o início da década de 1950 menos da metade da população brasileira era alfabetizada. Em outro trabalho (RIBEIRO et al., 2002), encontramos estatísticas recentes nas quais 29% da população brasileira acima de 15 anos é classificada como analfabetos funcionais – pessoas com menos de quatro anos de estudo.

Tal realidade nos acompanha desde a criação da escola pública brasileira. Segundo Marzola (1986), a escola pública brasileira mal havia dado seus primeiros passos, e o seu caráter seletivo e elitista já era denunciado por um dos seus grandes propugnadores.

As explicações dadas à questão do fracasso escolar da escola pública brasileira, segundo estudos de Patto (1999), foram baseadas, num primeiro momento, nas teorias racistas, por volta do ano de 1870, quando os colonizadores eram tidos como seres inferiores intelectualmente e, como tais, incapazes de aprender. O auge destas ideias racistas foi o período de 1850 a 1930, em que os intelectuais brasileiros começaram a atentar para as questões da escola e da aprendizagem escolar sob a influência da filosofia e da ciência francesas.

Segundo Patto (1999), até os anos 1970 houve um predomínio das explicações das causas do fracasso escolar em função das características biológicas, psicológicas e sociais dos alunos, em detrimento à explicação que considerava os aspectos estruturais e funcionais do sistema de ensino como determinante desse fracasso. O termo social era empregado no sentido de déficit cultural dos usuários das escolas públicas, não contemplando a relação com a estrutura na qual se organiza a sociedade.

Durante essa época ainda tentou-se superar o discurso fragmentado sobre as causas do fracasso escolar que passou a ser explicado pela teoria da Carência Cultural, por meio do qual se afirmava que as deficiências do ambiente cultural das chamadas classes baixas produziam a deficiência no desenvolvimento psicológico infantil, ocasionando então suas dificuldades de aprendizagem e de adaptação escolar. Essa manifestação é considerada por Patto (1999) bem sutil, contanto é a mais poderosa que contribui para o estigma do preconceito racial e social.

Baseado na Teoria da Carência Cultural, o fracasso do aluno estava vinculado a sua carência de cultura, ou seja, a falta de cultura advinda do ambiente em que vive, em outras palavras, isso mostra que as crianças pobres tinham dificuldade de aprender por terem menos cultura do que as crianças ricas.

Segundo Charlot (2000), pode-se destacar que os fatores que estariam situados dentro da categoria genérica fracasso escolar – repetência, evasão, distúrbios de aprendizagem, analfabetismo etc. – também se leva em conta as interpretações daquilo que ocorre no espaço da Escola.

3 RELAÇÃO ENTRE FATORES INTRA E EXTRA ESCOLARES COM O FRACASSO ESCOLAR

Soares (2007), fazendo paralelo das interrelações entre os fatores intra e extra-escolares, aponta que, no ambiente escolar, existem dois processos importantes que precisam agir mutuamente para melhoria do desempenho dos discentes: a gestão escolar e o ensino, trazendo sua atenção para identificação de características da direção escolar associadas positivamente ao desempenho dos alunos. Esses fatores dizem respeito à capacidade do diretor transmitir, uma prioridade pedagógica ao conjunto da comunidade escolar, o que envolve, além da preocupação com os critérios de divisão de professores e alunos nas turmas que favorecem o ambiente de aprendizagem, a criação de um clima escolar com altas expectativas sobre o desenvolvimento de alunos, bem como a criação de práticas e da organização da escola às características dos alunos.

A infraestrutura escolar, o ambiente da escola, os recursos educacionais disponíveis, a formação docente e o comprometimento do professor são fatores relevantes para a compreensão da qualidade da escola e da experiência escolar do aluno (BARBOSA; FERNANDES, 2001).

Nesse sentido, é considerado que a probabilidade do fracasso escolar depende de características do aluno, da família, da escola, e da sociedade em que está inserido.

3.1 OS ÍNDICES DE DESISTÊNCIA E EVASÃO ESCOLAR: FATORES EXTRAESCOLARES

Um dos fatores que mais distinguem a classe dominante da classe oprimida é, sem dúvidas, o nível de educação. Uma pesquisa realizada em meados dos anos 1980 aponta que na primeira série cerca de 38% dos alunos são eliminados da escola, seja por evasão ou reprovação. Os dados também apontam que dos alunos que frequentam a primeira série, menos da metade deles ingressam na quarta série três anos mais tarde (CUNHA apud CARRAHER; SCHILIEMANN, 1983).

Segundo dados mais recentes do INEP (BRASIL, 2007) cerca de 41% dos alunos que ingressam no 2º ano do fundamental I, não conseguem concluir até o 9º ano do fundamental II. A pesquisa ainda aponta que 26% dos alunos matriculados não concluem o ensino médio. Com isso, pode-se chegar à conclusão de que mesmo com o governo, ao longo desses anos, implantando programas para ampliar o acesso à educação, os índices associados ao fracasso escolar continuam sendo alarmantes.

É digno de nota que crianças brancas que moram na zona urbana e que os pais possuem um nível intelectual elevado, estão matriculadas em níveis drasticamente maiores do que crianças negras, que residem na periferia, zona rural e que a família possui um nível intelectual mais baixo.

Outro ponto em destaque é a inserção da mulher no mercado de trabalho que conseqüentemente deu início a uma nova estruturação familiar. Logo, não é mais apenas responsabilidade do homem prover o sustento. Essa nova configuração implica diretamente na porcentagem, diminuindo o tempo e atenção que os pais dedicarão ao processo de escolarização dos filhos. As crianças que tem menor presença familiar em sua vida são aquelas que tendem mais ao mau rendimento escolar.

Sem sombra de dúvidas a importância que a família dá a criança é essencial

para o seu sucesso escolar. Também as interações da criança desde a mais tenra idade com a família implicarão no desenvolvimento das suas funções psicológicas superiores – memória, atenção, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo. Por isso, é essencial que o seio familiar estimule a formação dessas funções que também implicarão diretamente no bom aproveitamento do filho na escola (RIBEIRO, 2013).

O fracasso escolar está diretamente ligado à repetência e à evasão escolar. Neri (2009) aponta algumas razões para a evasão escolar, entre elas estão as dificuldades de acesso à escola. Alunos que moram em áreas remotas têm dificuldade para chegar à escola, muitos que não tem condições esperam horas a chegada de algum transporte ou constantemente precisam percorrer distâncias a pé para ir à busca de conhecimento.

Outro aspecto a se considerar é a necessidade de trabalho e geração de renda. Dauster (1992) aponta que o trabalho de crianças e jovens na sociedade capitalista é visto como essencial à formação da vida profissional. O trabalho infantil é algo cultural, a família o transmite de maneira ideológica ao longo das gerações. Logo, em muitos lugares, ele é naturalizado e legitimado, teias de reciprocidade e trocas compõe o seio familiar, um exemplo disso é a filha trabalhar em serviços domésticos e cuidando dos irmãos enquanto a mãe trabalha para gerar sustento para a família.

Geralmente, as crianças trabalham muito e ganham pouco e não recebem nenhum tipo de proteção quanto à legislação trabalhista. Logo, as longas jornadas de trabalho resultam em cansaço e falta de tempo para estudar, levando à repetência. Também, a dificuldade em conciliar a dupla jornada de trabalho e estudo pode ocasionar o abandono da escola. Alves-Mazzotti (2002, p. 89) pontua que é “[...] muito provável que trabalho infanto-juvenil e ‘fracasso escolar’ estejam relacionados não porque o primeiro seja causa do segundo e sim porque ambos são consequências dos mecanismos excludentes que perpetuam pobreza”.

Alves-Mazzotti (2002) também aponta que muitos jovens devido ao trabalho que reprovam diversas vezes, desistem no decorrer do ano letivo e vão ficando adultos sem terem concluído a educação básica. A partir disso, muitos recorrem ao supletivo como uma alternativa para concluir os estudos, apesar do ensino não ser de boa qualidade.

Muitas crianças convivem com a triste realidade que é a fome. Sem sombra de dúvidas, a má alimentação é um fator determinante para o insucesso escolar. Ela dificulta qualquer atividade que o indivíduo deseje realizar. A fim de conter esse problema, o Plano Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) tem por objetivo contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial e para a aprendizagem que implicará no melhor rendimento escolar do aluno. Porém, a merenda pode ser considerada como um método paliativo, pois ela só irá atender aquele aluno quando ele estiver sob os muros da escola. No entanto, fora dela tanto ele quanto a sua família, continuarão enfrentando o grave problema da fome e da desnutrição.

Vale ressaltar que é muito comum culpabilizar a criança e a “cultura desviante” pelo seu rendimento ruim no âmbito escolar. Porém, o homem é um ser social e o cenário socioeconômico é de grande importância para o seu desenvolvimento, é aí

que entram os fatores extraescolares que possuem relação direta com a sociedade que este sujeito está inserido. Não existe apenas um fator que direcione ao fracasso escolar. Fatores como difícil acesso às escolas, fome, trabalho infantil e ausência familiar são reflexos da desigualdade social presente na sociedade contemporânea e que influenciam grandiosamente no aproveitamento escolar do indivíduo.

3.2 FRACASSO ESCOLAR: RECONSIDERANDO O SIGNIFICADO DOS FATORES INTRAESCOLARES

O cenário socioeconômico não é o único fator ligado ao fracasso. A escola e o corpo docente podem promover a exclusão e o estigma em alunos marginalizados pelo sistema. É mais fácil patologizar o aluno, do que pensar em como o corpo escolar pode contribuir para o seu insucesso.

Sabe-se que a escola corresponde bem a uma expectativa assistencialista, onde o aluno que lá está inserido encontra-se protegido semelhante a um filho dentro do seio familiar, porém, não há a preocupação em passar para eles conhecimentos históricos e culturais essenciais à sua formação. Conhecer a realidade social é o primeiro passo para que o indivíduo se torne apto para transformá-la (MARINHO-ARAÚJO; ALMEIDA, 2008). O pensamento crítico é o que libertará o indivíduo das amarras impostas pela sociedade capitalista excludente que todos estão inseridos.

Toda criança aprende, mas é necessário que a escola respeite o tempo diferente que cada uma tem para absorver conhecimento. É notável que o bimestre/semestre não acompanha o processo de aprendizagem do aluno. Outro fator importante a ser levado em conta é a rotulação que os professores fazem diante daquele aluno que supostamente não aprende (RIBEIRO, 2013). É interessante pontuar que diversas práticas objetivam os alunos, um exemplo são os encaminhamentos por conta de problemas de aprendizagem, onde o problema da criança novamente é apresentado como individual ou familiar. Isso favorece a naturalização que fomenta a cristalização, ou seja, a perpetuação das mesmas queixas sem nenhuma ação ou movimento para modificá-las (MACHADO; SOUZA, 1997).

Se há algo errado com os resultados escolares, é importante observar as relações que cercam a criança onde provavelmente não estão permitindo que o processo educacional seja eficaz. Uma dessas relações é a estabelecida com o professor. Muitas vezes o profissional da educação tem atitudes que constituem em comparar um aluno com o outro, como também muitos docentes estigmatizam crianças de classe economicamente mais pobres (RIBEIRO, 2013).

Marinho-Araújo e Almeida (2008) criticam a metodologia aplicada na formação precária do professor que infelizmente pouco se fala em criatividade, inovação e liberdade, ou seja, a construção do profissional da educação é pautada em concepções sustentadas por técnicas e métodos opressores, monótonos, repetitivos e domesticadores. Essa formação implicará diretamente na atuação docente.

O educador, a partir da sua formação, consolida-se como um sujeito heterônomo, mal remunerado e completamente pressionado a ensinar de maneira individual-

lizada, fragmentada, elitista, autoritária e não crítica. O objetivo da escola é selecionar os que são ou não capazes, fabricando sujeitos alienados e passivos diante do sistema opressor que os cerca.

Vale ressaltar que algumas instituições não disponibilizam condições dignas de trabalho nem apoio ao docente, são rígidas e acabam tirando a autonomia do docente. Geralmente o professor é forçado a trabalhar em turmas lotadas e torna-se desafiador dar apoio individualizado aos alunos. Fora que ele não é estimulado a implantar novas metodologias, normalmente não há também uma preocupação com a formação continuada desses profissionais. Não se pode esquecer também da falta de prioridade do governo referente à educação que é um fator que afeta o corpo escolar em grande escala (MADALÓZ; SCALABRIN; JAPPE, 2012).

Um fator que não pode ser esquecido é quanto à infraestrutura da escola. Salas com ventilação precária, quadra sem estruturação adequada para desenvolver esportes e sem equipamentos de informática e audiovisuais dificultam a satisfação dos alunos dentro de um colégio com um mau aspecto (SILVA, 2012).

Sem sombra de dúvidas, a escola é peça chave na determinação do fracasso escolar do aluno. Ela muitas vezes é apresentada como um ambiente autoritário, não atrativo, com professores despreparados e com uma infraestrutura defasada. Logo, fica a reflexão: O ambiente escolar está fomentando ou reduzindo os índices de fracasso escolar?

4 A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR/ EDUCACIONAL FRENTE A DESMISTIFICAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR

O fracasso escolar é um dos mais graves problemas da realidade escolar. Partindo de uma análise de que experiências de sucesso e insucesso são normais na vivência humana, independente de religião, gênero, raça, situação econômica e/ou social. Dessa maneira, se usa da transdisciplinaridade da Psicologia para se questionar. De que maneira a Psicologia tem enfrentado dos desafios colocados pelos novos modos de funcionamento da escola? Qual a base tem orientado as práticas psicológicas no campo do fracasso escolar? Quais ferramentas são usadas para interferir esse fenômeno?

Desde a década de 1970 o fracasso escolar tem sido estudado no Brasil por alguns autores da Psicologia Educacional, dando ênfase a Patto (1997), que trouxe como alicerce teórico o materialismo histórico, denunciando a cumplicidade ideológica da Psicologia nesse processo de seleção das crianças, distinguindo-as entre capazes e incapazes de aprender, tornando seus cursos completamente individuais. Uma ciência, que tira de foco o que é de fato determinado e volta o olhar para a criança com toda sua deficiência, por vezes, culpando a vítima.

[...] o que aparece como natural é social; o que aparece como a-histórico é histórico; o que aparece como relação justa, é exploração; o que aparece como resultado de deficiências individuais de capacidade, é produto de dominação e desigualdade de direitos determinada historicamente. (PATTO, 1997, p. 57).

Inicialmente é importante que o psicólogo esteja pautado em um referencial teórico crítico que rompa com explicações pseudocientíficas que culpabilizam o aluno e a família pelo fracasso escolar (MEIRA apud LESSA; FACCI, 2009). Logo, o profissional deve levar em conta os fatores intra e extraescolares como base para as suas respectivas intervenções.

Andrada (2005) pontua que o psicólogo na escola ainda é visto como aquele que irá ajustar a “criança-problema” à escola. Essa prática caracteriza a clínica e esse tipo de visão não deve permear uma intervenção em uma escola. O psicólogo escolar é um agente de mudanças, agindo na prevenção e na orientação das situações cotidianas.

O psicólogo, focado nos aspectos intraescolares, irá observar se a prática dos professores está condizente com as teorias de desenvolvimento e aprendizagem. Ele participará das reuniões pedagógicas e irá expor qual a sua visão de sujeito, o que pensa quanto à aprendizagem e quais as intervenções que ele tem a oferecer além o atendimento individualizado. É importante que ele sempre esteja em um diálogo aberto com os docentes referente às dificuldades do cotidiano escolar, elencando maneiras do professor intervir, excluindo qualquer prática que vise a estigmatização dos alunos com dificuldades de aprendizagem ou em situação de vulnerabilidade (ANDRADA, 2005).

Nos contextos intra e extraescolares que corresponderão à atuação do psicólogo, é importante ressaltar o papel da família como parte fundamental da interação humana. Andrada (2005) aponta que o psicólogo junto da família irá criar estratégias que possibilitem o sucesso escolar da criança. Ele também atuará como um mediador entre pais e professores a fim de estabelecer um diálogo franco entre as duas partes, enumerando assim as dificuldades conjuntas que escola e família têm, diluindo a culpa que se é imposta nos pais quanto ao fracasso escolar.

Patto (1999) aponta para a necessidade de se quebrar o estigma de que o fracasso é culpa do aluno ou de sua família e alerta para a proporção muito maior dos determinantes institucionais e sociais na produção do fracasso escolar do que problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, rompendo, portanto, com as visões psicologizantes, da carência cultural e das dificuldades de aprendizagem.

Para prevenir o fracasso escolar, é necessário trabalhar junto com a escola, realizar um trabalho para que o professor possa conectar-se com sua própria autoria e, portanto, seu aluno possa aprender com prazer, denunciar a violência encoberta e aberta instalada no sistema educativo (FERNANDEZ, 1991, p. 64).

O profissional da saúde mental aliado ao corpo escolar pensará em novas práticas e olhares diante daquele aluno tido como problema. Como também criará espaços de reflexão para que possam trabalhar as relações escola-aluno e temas pertinentes ao contexto socioeconômico que eles estão inseridos. É de suma importância que o psicólogo ouça os alunos, o que eles pensam da escola e da sua turma, pois a escuta norteará as possíveis e pertinentes intervenções no contexto escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho em questão conduziu, como objetivo geral, ao discernimento de relevantes motivos acarretadores do fracasso escolar. Por meio

de uma pesquisa bibliografia, os quais foram contrastados à perspectiva de teóricos, a fim de discriminar fatores que possuem determinada influência no processo de ensino-aprendizagem. Compreende-se que estes fatores estão atrelados às relações do indivíduo com o mundo à volta, as quais geralmente não contribuem para o seu desempenho escolar e podem ser caracterizados como obstáculos neste percurso.

Pode-se perceber, realizando uma análise de fatos históricos que, muitas das questões do fracasso escolar, inicialmente, trazem uma compreensão de um quadro racista, o qual apresenta uma visão deturpada sobre aqueles que não faziam parte da raça "branca" como seres intelectualmente inferiores no processo de aprendizagem, ainda, seguindo essa via é perceptível que características biológicas, psicológicas e sociais foram usadas como justificativas plausíveis, responsáveis por esse mau desempenho na educação.

A teoria da Carência denota ao sujeito um déficit cultural ocasionado pelo meio que está inserido, conduzindo ao entendimento que os sujeitos das classes menos favorecidas (classes baixas) não teriam tantas condições para o desenvolvimento da aprendizagem, diferentemente das pessoas de classes mais altas, as quais possuiriam inúmeras possibilidades e meios de adquirir e desenvolver o conhecimento.

A partir dos contextos analisados é possível identificar na própria escola circunstâncias que ocasionam o desvio do sucesso. Os métodos de ensino que não se enquadram naquela realidade ou não surtem o efeito desejado, a exclusão ou patologização do aluno, as estruturações, as relações de poder e hierarquia, vêm ao encontro de situações vivenciadas fora do âmbito escolar como, por exemplo, desequilíbrio econômico, violência, desnutrição e saúde, impactando de forma direta no percurso escolar do aluno fomentando o estigma social. Esses fatos em muitos casos levam o indivíduo a uma situação de evasão ou repetência.

Nesta conjunção de "perdas" no campo da educação percebe-se como desafio a reestruturação dos métodos de ensino, os quais necessitam compreender a realidade regional. Godotti (1996) traz uma visão da educação voltada para a cidadania, entretanto se faz necessário uma mudança no interior da escola, a qual deve ocorrer de forma estrutural e cultural, principalmente quando se trata da pública.

A Psicologia surge então, não para estruturar e construir novos conceitos sobre o fracasso escolar, mas com desafio de intervir nesta situação, sendo ela um dos instrumentos que apresenta novas possibilidades de atuação, a fim de reverter esse quadro fracasso e favorecer essa reestruturação. Em seu trabalho multi e intradisciplinar o psicólogo deve derrubar os muros que impedem a comunicação entre a escola e a sociedade em volta. Possuindo uma visão analítica o Psicólogo deve considerar o meio onde está inserido, compreendendo as dinâmicas, o contexto social e as demandas desta região para que possa vir a edificar pontes e ampliar o diálogo entre centro de ensino e comunidade, auxiliando na construção de projetos pedagógicos que ampliem o campo do saber e reduzam os fatores que influenciam de forma negativa o processo de ensino-aprendizagem.

Devido a sua importância na edificação de uma nova perspectiva de mundo, também é incumbido ao psicólogo o desafio de despertar e de incentivar a cons-

ciência crítica, a qual leva a posse de uma nova postura para si e na compreensão do outro, a fim de contribuir na construção da cidadania para disseminação de um convívio social justo e repleto de paz. Uma vez que é esta consciência um dos guias responsáveis pela transmissão de valores à sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A.J. Repensando algumas questões sobre o trabalho infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Educação**, n.19. 2002.

ANDRADA, E.G.C. Focos de intervenção em psicologia escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Campinas-SP, v.9 n.1, 2005.

BARBOSA, M.E.F.; FERNANDES, C. A escola brasileira faz diferença? Uma investigação dos efeitos da escola na proficiência em matemática dos alunos da 4ª série. In: BARBOSA, M.E.F.; FERNANDES, C.; FRANCO, C. (Org.). **Avaliação, ciclos e promoção na educação**. Porto Alegre: Artes médicas, 2001. p.121-153.

BOSSA, N.A. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Mapa do analfabetismo brasileiro**. Brasília: Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/estatisticas/analfabetismo>>. Acesso em: 13 maio 2017.

BRASIL. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Estudo do INEP mostra que 41% dos estudantes não terminam o ensino fundamental**. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias>>. Acesso em: 15 maio de 2017.

CARRAHER, T.N.; SCHILIEMANN, A.D. Fracasso escolar: uma questão social. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.45, p.3-19, 1983.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed. 2000.

COLLARES, C.A.L. Ajudando a desmistificar o fracasso escolar. In: COLLARES, C.A.L.; MOYSÉS, M.A.M. (Org.). **Preconceito no cotidiano escolar - ensino e medicalização**. São Paulo/Campinas: Cortez/Edunicamp, 1996. p.24-28.

DAUSTER, T. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, n.82, p.31-36, ago. 1992.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Ministério da Educação, Brasil. **Alimentação Escolar**. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=alimentacao_escolar.html>. Acesso 15 maio 2017.

GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire: um bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

LESSA, P.V.; FACCI, M.G.D. O psicólogo escolar e seu trabalho frente ao fracasso escolar numa perspectiva crítica. **IX congresso nacional de psicologia escolar e educacional – ABRAPEE**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

MACHADO, A.M.; SOUZA, M.P.R. **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MADALÓZ, R.J.; SCALABRIN, I.S.; JAPPE, M. **O fracasso escolar sob o olhar docente: Alguns Apontamentos**. Seminário de pesquisa em educação da região sul IX ANPEDSUL, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/945/527>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MARINHO-ARAUJO, C.M.; ALMEIDA, S.F.C. de. Professor e Escola: trabalho e profissão. In: MARINHO-ARAUJO, C.M.; ALMEIDA, S.F.C. de. (Org.). **Psicologia Escolar: Construção e consolidação da identidade profissional**. 3.ed. Campinas: Alínea, 2010. p.39-54.

MARZOLA, N. Reprodução e contradição: escola e classes populares. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.11, n.1, p.43-46, 1986.

NERI, M.C. **Motivos da evasão escolar**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE; CPS, 2009.

PATTO, M.H.S. **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PATTO, M.H.S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PATTO, M.H.S. *et al.* O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991 – 2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa (USP)**. São Paulo, v.30, p.52-72, 2004.

RIBEIRO, P.T. **Fracasso escolar: reflexões sobre um problema que se repõe e possibilidades de enfrentamento**. Piracicaba-SP: [s.n.], 2013.

RIBEIRO, V.M.; VOVIO, C.L.; MOURA, M.P. Letramento no Brasil: Alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. **Educação & Sociedade**, v.23, n.81, p.49-70, 2002.

SILVA, C.A.D. *et al.* De como a escola participa da exclusão social: Trajetória de reprovação das crianças negras. In: ABRAMOWICZ, A.; MOLL, J. (Org.). **Para além do fracasso escolar**. 6.ed. Campinas-SP: Papyrus, 2003.

SILVA, M.R. **Causas e consequências da evasão escolar na Escola Normal Estadual Professor Pedro Augusto de Almeida**. Bananeiras-PB: Bananeiras, 2012.

SOARES, M.B. **Alfabetização e letramento**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Data do recebimento: 6 de setembro de 2017

Data da avaliação: 20 de setembro de 2017

Data de aceite: 3 de Outubro de 2017

1 Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: aliciacavalcante@gmail.com

2 Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: carolinaalrosa@hotmail.com

3 Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: josbertotxpsi@hotmail.com

4 Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: luiz.carlos2511@hotmail.com

5 Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: sandra.lamenha@gmail.com

